



Editorial

Com satisfação chegamos a mais uma edição da Revista Brasileira de Musicoterapia. Este número inaugura a publicação em fluxo contínuo, isto é, a submissão de trabalhos encontra-se constantemente aberta, não havendo uma data previamente estabelecida. A medida que os trabalhos chegam, eles são encaminhados para avaliação e assim que são aprovados e, passam por todo o processo de correção, ajustes e revisão seguem para publicação. Quando atingido o número de artigos suficientes para uma edição, encerra-se a mesma e abre-se uma nova. Essa forma de funcionamento, permite que os trabalhos sejam publicados com mais rapidez, dando mais movimentação a Revista.

Nessa edição contamos com seis artigos. O primeiro deles “A aplicação da música, realizada por musicoterapeutas e por outros profissionais, com bebês: uma revisão sistemática”, de autoria de Andre Brandalise, oferece uma síntese da literatura acerca das intervenções musicais, com bebês, realizadas tanto por musicoterapeutas como por outros profissionais. A revisão sistemática demonstrou haver interesse de várias áreas do conhecimento acerca da utilização da música com bebês, principalmente em prematuros.

Na sequência temos o artigo em língua espanhola “Utilización de la técnica de estimulación rítmico-auditiva como agente de intervención para pacientes con enfermedad de Parkinson. Una revisión sistemática”, das autoras Rosa Traina, Veronika Diaz Abrahan e Nadia Justel. O artigo, uma revisão de literatura, focaliza a utilização do ritmo como via de tratamento para as alterações motoras fruto da enfermidade, através da aplicação da técnica de estimulação rítmica auditiva.

O artigo “Tradução, adaptação transcultural e evidências de validade da escala *Improvisation Assessment Profiles* (IAPs) para uso no Brasil”, dos autores Gustavo Schulz Gattino, Karina Daniela Ferrari, Graciane Azevedo, Felipe de Souza, Flavia Christine Dal Pizzol, Daniel da Conceição Santana,



apresenta a segunda parte da pesquisa sobre a criação da versão da escala para uso no Brasil, a partir dos processos formais de tradução, bem como pela análise do instrumento no que se refere à sua adaptação transcultural. A escala foi avaliada e verificou-se evidências de validade no que se refere ao conteúdo da escala na sua clareza e relevância, tornando habilitada sua aplicação no Brasil.

Gregório José Pereira de Queiroz trata em seu artigo “Mário de Andrade e a Musicoterapia”, da importância de incluir na literatura da Musicoterapia, o trabalho de Mario de Andrade, *Terapêutica Musical*, tanto por seu valor histórico, como também por conter elementos que vieram a se tornar significativos no desenvolvimento da musicoterapia, destacando-se o papel do ritmo e da melodia em sua relação com o ser humano.

“Musicoterapia social e comunitária: uma organização crítica de conceitos”, da musicoterapeuta Rosemyriam Cunha, a partir de artigos publicados da Revista Brasileira de Musicoterapia e no livro *Community Music Therapy*, a autora apresenta um quadro com uma organização crítica das opiniões de musicoterapeutas a respeito de suas práticas. Estão presentes os desafios, tensões, dúvidas e sucessos ao enfrentarem condições específicas em seus trabalhos.

E finalmente o artigo de Marly Chagas, “Comunidade em Musicoterapia - construindo coletivos”, relaciona o conceito de Comunidade como construção de coletivos da Teoria Ator-Rede e a atuação Musicoterapêutica Comunitária. A autora parte dos trabalhos das musicoterapeutas Grazielly Aquino e Raquel Siqueira Silva dentro da abordagem das redes e propõe uma ação clínica na concepção de que a comunidade é rede e a intervenção é sempre política.

Sheila Beggato

Editora Geral da Revista Brasileira de Musicoterapia